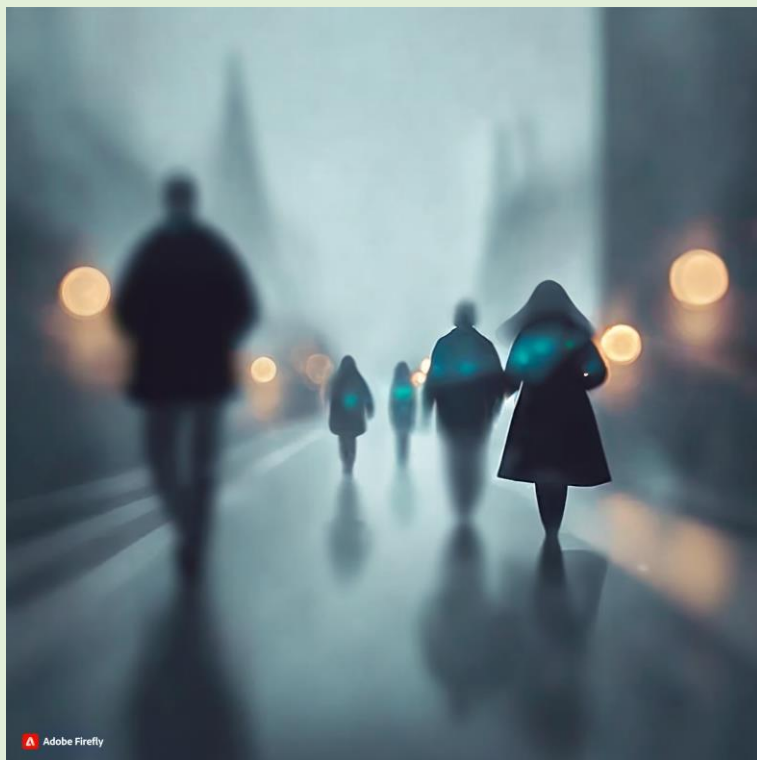


OS INVISÍVEIS

Conto de ficção



ADILSON MOTA

2021

OS INVISÍVEIS

Todos os dias, eu observava minha vizinha chegar em casa no fim da tarde. Nesse horário, eu sempre estava regando as plantas do jardim e percebia quando D. Marta, com um olhar cansado, entrava em sua casa, não sem antes me dar 'boa tarde' acompanhado de um sorriso gentil.

Naquele dia, decidi puxar conversa. Apesar de ser seu vizinho, eu nada sabia sobre a vida dela, uma típica trabalhadora da classe baixa.

- Boa tarde, D. Marta, como vai a senhora? perguntei.

- Eu vou bem, e o senhor?

- Estou bem, aqui, cuidando das minhas flores.

- Estão perfumadas, hein? E são lindas!

- A senhora gosta de flores?' indaguei por minha vez.

- Eu adoro flores. Trazem perfume, cor, vida... Pena que meu tempo não dá para cultivar aqui em casa.

Enquanto ouvia o final da sua resposta, colhi algumas margaridas viçosas e ofereci a D. Marta.

- Para mim? Quanta gentileza! Muito obrigado!

Ela agradecia enquanto inspirava longamente o perfume adocicado das margaridas amarelas e brancas.

- É muita correria, não é?

- Muita! E o pior é que a gente não é nem visto! A sociedade não enxerga pessoas como eu. É como se eu fosse invisível.

Sou diarista, sabe? Ninguém presta atenção em mim, é como se eu não existisse. Muitas vezes, nas casas em que trabalho, nem bom dia me dão.

- Nossa! É mesmo, é? A sociedade é mesmo injusta e desigual. Minha vizinha se despediu de mim dizendo que precisava entrar. Fiquei sozinho, pensativo.

Todas as funções são importantes, as pessoas não se tornam melhores ou piores por trabalharem neste ou naquele emprego. A sociedade cria a ilusão de que este ou aquele trabalho é mais importante e confere mais status, mas é pura ilusão, pois isso se baseia na vaidade humana que coloca uns acima dos outros e não lado a lado como cooperadores essenciais para o bom funcionamento de toda a engrenagem social. Do padeiro ao juiz, da doméstica ao professor, todos somos iguais. Acostumamo-nos a chamar de doutor àqueles que a sociedade tem com distinção, como sendo mais importantes, mas no fim das contas são apenas rótulos. O que importa mesmo é o quão honesto é o nosso trabalho e como nos dedicamos a ele.

Lembrei do meu professor de Psicologia que, numa de suas primeiras aulas, disse à turma:

- Vocês acham a Psicologia importante? Pois saibam que os garis são mais importantes que os psicólogos.

Ele tinha razão. Sem alguém para limpar as ruas, a vida nas cidades seria impraticável.

Terminei de regar as plantas, que ficavam ainda mais lindas com o brilho das gotículas de água pendendo da folhagem.

Voltei para dentro de casa, mas algo que minha vizinha falou não saía da cabeça: invisíveis... os invisíveis da sociedade.

No dia seguinte, acordei disposto a conhecer mais sobre os invisíveis. No meu bairro, devia ter muitas pessoas que a sociedade não enxergava por não lhes conferir valor. Iria procurar essas pessoas e propor-lhes uma entrevista. Queria saber quem são, o que fazem, o que sentem.

Tomei o café da manhã e fui até o jardim. O sol já ia alto, seus reflexos já cobriam de dourado tudo ao redor. A cidade já estava cheia de vida e movimento, com pessoas indo e vindo, carros apressados para alcançar o dia com suas oportunidades. Encostei-me no muro. O sol brilhava no céu, numa temperatura agradável.

Fiquei a olhar para a rua.

Vi um gari. Lembrei novamente do meu professor de Psicologia e pensei: como são importantes, por recolherem o nosso lixo e manterem limpas as nossas ruas para que ratos e insetos não proliferem, nem a sujeira gere doenças para todos.

Não havia dúvidas do quanto eram importantes. Por que então eram invisíveis para a sociedade? Do outro lado da rua, deitada numa calçada, havia uma família de mendigos: um casal de adultos e duas crianças.

Por que eu nunca os vi antes? Mal terminei de elaborar esse questionamento e fui surpreendido pelo carteiro, que veio entregar-me uma encomenda. Ele me chamou pelo nome, mas quem era ele mesmo? Mais um invisível que tantas vezes tinha que enfrentar os perigos das ruas e os cães bravos nas casas onde tinham pacotes e correspondências para entregar. Levavam notícias. Boas, às vezes, ruins em outras, mas

sempre notícias, além de encomendas ansiosamente esperadas pelos seus donos.

Pessoas e mais pessoas passavam diante dos meus olhos, apressadas. Invisíveis uns para os outros, não se falavam, não se cumprimentavam, nem sorriam. Nem mesmo se viam. Quase trespassavam-se.

Resolvi observar mais e saí de casa para caminhar pelo bairro. Ninguém me notava, caminhando sem pressa pelas calçadas. Mais adiante, passei por uma babá que empurrava um carrinho de bebê, provavelmente no seu passeio matinal. Muitas senhoras passavam e faziam um rápido gracejo para a criança, que parecia ser conduzida por mãos invisíveis, já que ninguém dava um bom dia para a babá negra da criança branca.

Mais à frente, um senhor pedia esmolas sentado com as costas apoiadas na coluna de um prédio comercial.

Permaneci um instante a observar. Poucos colocavam alguma moeda no seu prato encardido com o qual recolhia as doações. As pessoas pareciam sentir nojo e procuravam passar longe, torcendo o nariz.

=*=

“Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado.” (Lucas, XX, 30-32, Parábola do bom samaritano, biblegateway.com)

=*=-

Não queriam se misturar com aquele tipo de gente que era deixada à margem. Eles fazem parte da sociedade, a parte suja, remendada, que ninguém quer ver ou tomar contato. Faz-se de conta que não existem, como a Paris-cidade-luz que recolhe todo final de tarde seus mendigos com caminhões para que não incomodem os sentidos sensíveis dos ricos turistas que lhe visitam as ruas e praças enfeitadas.

Vi pessoas recolhendo papéis e papelão das lixeiras nas calçadas das lojas. Empilhavam tudo em carroças que eram puxadas por eles mesmos. Homens que se faziam animais de carga para poderem sobreviver. Naquele momento me pareciam heróis, mas não eram sequer considerados trabalhadores. Vi ainda crianças mexendo nas latas de lixo à cata de algum resto de comida.

Voltei para casa angustiado, pensando naquelas pessoas invisíveis e sem voz, excluídas e desprezadas à margem da sociedade.

Algo dentro de mim foi mexido e resolvi fazer algo. Iria entrevistar essas pessoas, permitir que elas falassem o que havia dentro delas, que se expressassem, que tivessem vez e voz. Chamei esse projeto de 'Voz dos Invisíveis'.

No dia seguinte acordei animado. Tomei café e fui à rua buscando os invisíveis para conversar com eles. E achei muitos: garis, mendigos, moradores de rua, drogados, prostitutas que moravam nas ruas, crianças e velhos, catadores.

De início se mostravam receosos, surpresos... ficavam na defensiva, tímidos. Mas aos poucos ia conquistando a

confiança e eles começavam a falar. E tudo ia sendo registrado pela câmara e pelo gravador do celular.

Expuseram suas vidas, suas lutas, angústias e abandono.

Ao longo dos meses estendi o projeto a outros bairros da cidade e sempre tinha gente disposta a falar e a sair da condição de invisibilidade. Algumas pessoas me procuravam e perguntavam:

- É o senhor que tá gravando sobre os invisíveis?

umas comentavam com as outras e em pouco tempo eu não mais precisava procurar muito, eles mesmos me procuravam e se ofereciam.

Em seis meses eu tinha uma coleção de mais de 1000 depoimentos e resolvi dar uma parada para analisar a situação do projeto. O que fazer com todo aquele material? Eu tinha dado voz aos invisíveis, mas e agora? Eu devia parar ou continuar procurando pessoas para dar-lhes voz?

Dei alguns dias para mim mesmo, para pensar sobre o futuro do projeto. Até que precisei resolver algo de pouca importância com um amigo que morava em um prédio de apartamentos.

Cheguei à portaria de onde ele morava e, sendo anunciado, me dirigi ao elevador de onde outras pessoas saíam. Subi ao 11º andar e percebi que no corredor havia uma placa amarela com o aviso de 'piso molhado'. Caminhei cuidadosamente para não escorregar até o meu apartamento e toquei a campainha. Fui recebido gentilmente pelo meu amigo que já não via há alguns anos. Fomos colegas de Faculdade e

chegamos a trabalhar juntos durante um tempo. Depois disso nos afastamos e não nos vimos mais.

Conversamos alegremente e depois de duas horas colocando os papos em dia resolvi ir embora. A caminho da porta ele me perguntou:

- O que tem feito atualmente?

- Estou empenhado num projeto, mas agora eu não sei mais como dar prosseguimento.

E contei-lhe tudo, das entrevistas e do que tinha aprendido com aquelas pessoas. Expliquei-lhe que não sabia o que fazer com aquelas histórias. Foi aí que ele soltou a seguinte frase:

- Você já pensou na internet? Essa é a maior ferramenta de visibilidade que existe na atualidade.

- Vou ver.

Naquele momento foi a única coisa que eu pude falar.

De volta ao corredor, a placa de 'cuidado: piso molhado' ainda estava lá. Desta vez vi que ao lado tinha uma jovem uniformizada que esfregava o chão. Como eu não a percebi antes?

Na saída do prédio, ao devolver o crachá de visitante foi que tomei ciência de que o nome do porteiro era Marcos. Seu nome estava estampado no crachá que ele usava em letras bem grandes. Ele também esteve invisível para mim. Foi aí que entendi que os invisíveis não estavam somente nas ruas mas nas portarias dos prédios públicos ou particulares, eram os jardineiros, os ascensoristas, o pessoal da manutenção, da limpeza, a garota do cafezinho, a doméstica, ou seja, os

profissionais tidos como de menor importância e status social pela classificação que a sociedade inventou e que mantínhamos.

Perceber isto tinha importância. Dei-me conta que o leque de invisíveis era bem mais amplo e poderia mesmo estar dentro das nossas casas. As esposas que cuidavam do lar e dos filhos eram, muitas vezes, invisíveis para os maridos.

Mais que nunca eu queria fazer algo com aquele material todo que eu armazenei. A essa altura eu não podia simplesmente arquivar ou deletar. Eu queria fazer algo.

Pensava nisto quando lembrei das palavras do meu amigo: já pensou na internet? Realmente a rede era um grande recurso para dar visibilidade àquela gente. Eu, porém, não tinha muito traquejo com a internet, a minha geração não lidou com ela desde o nascimento como as gerações atuais. Eu precisava pedir ajuda. E encontrei a ajuda ideal: o meu vizinho. Um jovem de uns 20 anos de idade, fera dos computadores. Conhecia tudo dessa área. Restava saber se ele toparia. Fui ter uma conversa com ele, então.

Tristemente, eu conhecia da vida dele, mas não sabia o seu nome. Mesmo assim, fui procurá-lo. Bati à sua porta e apresentei-me. Depois, expliquei meus planos e o que tinha feito nos últimos meses. Descobri que seu nome era Jorge e, como a maioria dos jovens, ele empolgou-se pela ideia que achou fantástica. Foi logo me dando uma enxurrada de ideias numa velocidade que não fui capaz de acompanhar. Entendi, todavia, que ele propunha criar uma *home page* onde pudesse expor todo o material que eu havia produzido, com livre acesso às pessoas. Um ambiente virtual onde as pessoas que se sentissem sem voz pudessem contar as suas histórias e

experiências. Que recebesse comentários e propostas e que mostrasse que os invisíveis da sociedade são tão importantes quanto os demais e que não precisam ser colocados à margem da sociedade. Que todos na sociedade são igualmente importantes e que, se os tratarmos como nossos iguais, mostrarão o seu valor. Deixei-me embalar na empolgação de Jorge e viajei nas suas palavras. Achei as ideias ótimas, só restava selecioná-las, organizá-las e começar a colocá-las em prática. Seríamos parceiros nessa empreitada. Tivemos diversas reuniões e outros parceiros se uniram a nós no projeto. Até que, alguns meses depois, estava pronto o site 'OS INVISÍVEIS'. Todos os vídeos que produzi sofreram edição por um dos parceiros. Recebi algumas aulas de um amigo de Jorge que também se juntou a nós, sobre como fazer vídeos com melhor qualidade. Uma jornalista resolveu me acompanhar, nas suas horas vagas, nas buscas pelos invisíveis dos bairros da cidade. As entrevistas, assim, ganharam um *up*. E foi assim que depois de um certo tempo o que era um site virou uma rede de sites, blogs e canais alcançando muito mais gente. Não demorou muito e recebíamos contatos de todas as partes do país e até de outros países. Muitas entrevistas passaram a ser *online*. Eu gostava de conversar com aquelas pessoas, de ouvir suas histórias interessantes de vida e luta, de perdas e vitórias. Como todos os seres humanos, eles tinham momentos felizes e outros tristes e muita lição para ensinar, como uma das mães que foi entrevistada e que possuía 4 filhos, sendo um deles com síndrome de Down. Para essa mulher não havia diferença entre os filhos, cuidava igualmente de todos eles enquanto trabalhava como faxineira em um prédio público no centro da cidade. Seus filhos estudavam numa escola pública perto de sua casa e passavam o dia sozinhos, os maiores cuidando dos menores. Ela disse

que nunca aconteceu nada de mal com eles na sua ausência, pois sempre os entregava ao cuidador-maior, Deus. D. Filomena, este o nome dela, era a mulher mais otimista, alegre e gentil que eu já conheci. Dia virá, aguardamos, em que as pessoas não serão mais distinguidas pela profissão que exercem, nem pela roupa que vestem ou pela cor da sua pele, mas sim pelo que fazem da profissão que escolheram ou que foram obrigadas a seguir, pelas circunstâncias. Se vai ser logo ou se vai demorar, não sei, mas sei que não depende de poderes públicos. Depende da atitude de cada um de nós, dos valores que desenvolvemos e que passamos para as novas gerações.

F I M